

CONTEXTOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NA REPÚBLICA TCHECA – UMA ENTREVISTA COM IVA SVOBODOVÁ

CONTEXTS OF TEACHING-LEARNING PORTUGUESE LANGUAGE IN THE CZECH REPUBLIC – AN INTERVIEW WITH IVA SVOBODOVÁ

Iva Svobodová¹, Ivo da Costa do Rosário², Milena Torres de Aguiar³

¹ *Universidade de Mararyk, Brno, República Theca*
9255@mail.muni.cz
<https://orcid.org/0000-0002-9215-7122>

² *Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil*
ivorosario@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

³ *Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, RJ, Brasil*
milenaatda@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9072-4093>

Entrevista concedida em 15/10/2023.

O presente texto é uma entrevista realizada pelos professores doutores Milena Torres de Aguiar (UERJ/FFP) e Ivo da Costa do Rosário (UFF) com a professora doutora Iva Svobodová (Universidade de Mararyk). Os três professores em questão são os organizadores deste dossiê 29 da *Pensares em Revista*. A Prof^a Dr^a Iva Svobodová é docente na Universidade de Masaryk, Brno, República Tcheca. Nessa entrevista, a pesquisadora aborda quais têm sido os seus temas mais recentes de pesquisa e o modo como se dá o ensino de língua portuguesa no Leste Europeu.

Ivo da Costa do Rosário e Milena Torres de Aguiar - Professora Iva, inicialmente diga-nos quais têm sido os temas de suas pesquisas mais atuais.

Iva Svobodová - Inicialmente, gostaria de agradecer pela oportunidade de participar da organização do número temático da *Pensares em Revista*, intitulado "Estudos baseados no uso linguístico e interfaces com o ensino". Estou realmente muitíssimo grata por esta cooperação e, também, por poder partilhar das experiências que adquiri na área da Linguística nesta entrevista.

A partir do tema do dossiê, respondo, parcialmente, à sua pergunta, porque é precisamente a área de ensino de português-língua estrangeira em que tenho focado a minha pesquisa. Para além de diferentes textos associados ao tema que publiquei, estou a colaborar com várias universidades europeias no projeto europeu intitulado "Romance languages for Slavic-speaking university students", cujas informações estão disponíveis em www.lmooc4slav.eu. Esse projeto está dividido em duas principais secções: a portuguesa e a italiana, ambas visando à criação de MOOC (*Massive Open Online Course*) e de OER (*Open Educational Resources*). Estou a coordenar a parte que tem por objetivo produzir os recursos educacionais abertos centrados no ensino da língua portuguesa em diferentes áreas científicas (Direito, Filologia, Economia, Matemática, Medicina, Jornalismo, etc.). Junto com os outros parceiros do projeto (como é a Universidade do Porto ou o próprio coordenador do projeto, a Universidade para Estrangeiros em Perugia, na Itália), estamos a criar uma

vasta série de materiais didáticos, escritos, audiovisuais e digitais, que visam a preparar os alunos universitários para o estágio nas universidades portuguesas ou italianas.

Um outro tema que faz parte da minha pesquisa são os provérbios. Para explicar, fui convidada há uns anos a aderir à Associação Internacional de Paremiologia, com sede na cidade portuguesa de Tavira, dirigida pelo professor Rui Soares. Um dos seus co-fundadores foi, além do professor Rui, também o eminente linguista tcheco, professor František Čermák, que procurava dar continuidade ao trabalho que vinha sendo feito. Foi por isso que me contactou e me motivou a dar uns mergulhos no vasto espectro interdisciplinar das unidades paremiológicas. Em 2018, apresentei a minha pesquisa centrada na abordagem histórica dos nomes dos dias da semana nos provérbios portugueses. No estudo seguinte, concentrei-me nas questões de género - comparando a imagem dos homens e das mulheres nos provérbios portugueses e tchecos. E, neste ano de 2023, vou apresentar o meu trabalho com o projeto acima mencionado e vou demonstrar como os provérbios podem ser aproveitados no ensino de PLE em nível académico nas referidas áreas científicas. Uma vez que as minhas intervenções tinham despertado interesse do público, fui convidada, também, para uma conferência plenária, à qual me dediquei ao tema de justiça nos provérbios portugueses e tchecos, dando continuidade ao meu trabalho realizado no quadro da Linguística Forense. A partir desse trabalho, publiquei uma monografia sobre a comparação sintático-semântica dos códigos penais brasileiro e português, que serviu de base para o meu processo de habilitação (o qual corresponde, no contexto universitário português, à agregação). Esse passo é necessário para ser mantido o programa de mestrado em nossa universidade, de acordo com as novas e rigorosas regras de acreditação dos programas pertencentes ao ensino superior. Talvez achem estranho, mas o principal motivo desta minha orientação científica foi mais que óbvio: o número de imigrantes em nosso país está a aumentar e, com isso, há cada vez maior procura de traduções e interpretações oficiais. Em muitas áreas, e uma delas é o Direito Penal, depara-se não só com o problema da tradução adequada do vocabulário especializado, mas também com o problema da organização sintáctica das frases, da utilização adequada das conjunções, bem como com o problema das variações geográficas da língua portuguesa.

E por último, posso ainda mencionar dois novos estudos sobre o tema *covid 19*, o qual continua a ser atual. Neles analisei a instabilidade do género gramatical dos neologismos e das palavras estrangeiras usadas em português durante a pandemia. Observei em que medida elas foram incorporadas aos dicionários *online* e que género gramatical lhes foi atribuído, confrontando os resultados do uso real com os dados obtidos por um questionário distribuído entre os falantes nativos de português em diferentes países. E o tema foi desenvolvido, à continuação, por alguns alunos nossos que usaram a minha metodologia e o meu *corpus* nas suas teses de licenciatura e de mestrado – por exemplo, já obtivemos dados relevantes sobre a mesma questão no espanhol europeu e mexicano, e estão a ser feitos esforços para alargar o estudo para outras línguas.

Portanto, tento centrar a minha investigação em questões actuais e reagir aos acontecimentos e às necessidades actuais da sociedade, procurando ir ao encontro do principal alvo da ciência. A questão de ensino moderno através de novas tecnologias e métodos (como MOOC ou OER), a questão de género, tanto gramatical

como ontológico, o tema de Linguística Forense, que fazem parte das minhas preocupações linguísticas, são - espero - prova disso.

ICR e MTA - Conte-nos um pouco sobre como funciona o ensino de língua portuguesa no seu país de residência, ou seja, a República Tcheca.

I. S - No que diz respeito ao ensino da língua portuguesa na República Tcheca, este existe nas três maiores universidades do país (além da Universidade Masaryk, também na Universidade Carlos e Palacký), no Instituto Camões em Praga, em uma escola secundária e em várias escolas privadas de língua.

Em nível universitário, é possível estudar o programa denominado *Filologia Portuguesa*, que é dividido em dois ciclos: o de licenciatura, que dura três anos, e o de mestrado, de dois anos. Mas não existe a possibilidade de estudar a língua portuguesa com uma perfilação oficial mais estreita, tal como nas universidades homólogas portuguesas ou brasileiras, que oferecem programas de didática, tradução, cultura, literatura portuguesa, brasileira, etc. Nós não temos tais alternativas, porque o número dos alunos da língua portuguesa é reduzido em comparação com o dos outros programas. Por exemplo, no caso das línguas inglesa, espanhola ou alemã, sim, tal perfilação é bem possível porque o número dos alunos é muito elevado e o sistema permite tal divisão. No entanto, se o nosso programa filológico fosse fragmentado oficialmente em diferentes programas e se fossem frequentados por poucas pessoas, correríamos o perigo de extinção. A saber, o número de alunos é um dos critérios que o júri científico no processo de acreditação universitária leva em consideração. Contudo, no âmbito do programa de mestrado, oferecemos um rico leque de disciplinas e os alunos podem escolher as que mais são adequadas ao perfil almejado: para além das disciplinas obrigatórias (seminários de língua, linguística e literatura portuguesa e brasileira, etc.) estabelecemos quatro secções contendo disciplinas orientadas para a Literatura e Cultura dos países lusófonos, para a Linguística, Leitorado e Tradutologia.

Quanto ao curso de doutoramento (Ph.D.), este, no regime presencial, dura 3 anos e, no regime à distância, 5 anos. Existem dois programas gerais: o de Literaturas Românicas e o de Linguística Românica, comuns para todas as línguas românicas (português, espanhol, francês, italiano, catalão, romeno, etc.).

Como já referi, também existe uma escola secundária, em que a língua portuguesa até faz parte do exame final, denominado *exame de maturidade* (traduzido, às vezes, como *exame de bacharelado*). No entanto, gostaríamos de melhorar a situação e conseguir implantar o português em nível do ensino secundário, porque a demanda vai provavelmente crescer, o que, aliás, provam os dados de um questionário que distribuímos entre os alunos das escolas secundárias: quanto ao interesse de estudar português como a terceira ou segunda língua (isto é, em nível facultativo) ou mesmo como a principal língua estrangeira que faz parte do exame final, 3/4 do total das respostas foram positivas. Mesmo assim, o caminho é longo, porque um dos principais obstáculos é, precisamente, o facto de as universidades tchecas não oferecerem os programas especializados oficialmente na área da didática da língua portuguesa, condição indispensável para o *curriculum vitae* de quem queira trabalhar como docente na escola secundária na República Tcheca. No entanto, estamos a tentar negociar outras alternativas em cooperação com as universidades

parceiras - isto ainda está a ser discutido, mas não quero revelar mais para não me adiantar.

Ao mesmo tempo, há cursos de português oferecidos pelas escolas privadas – e que são certamente também muito úteis, mas não servem para traçar um perfil profissional.

ICR e MTA - Por que a língua portuguesa despertou seu interesse, em termos de ensino e pesquisa?

I. S - Tudo começou, sem dúvida, com a minha primeira viagem a Portugal em 1996, três anos após eu iniciar os meus estudos de Filologia Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Masaryk. Apesar de não ter ido como bolsista e só ter sido possível ir a trabalho, essa minha viagem foi o que mais me influenciou na minha vida e, conseqüentemente, me levou à minha profissão. No início foi, portanto, Portugal, que se tornou incrivelmente próximo do meu coração, e o sonho de regressar permaneceu dentro de mim até hoje - e cada vez que lá volto é, para mim, uma grande festa, um grande *Carnaval*. Digo *Carnaval* porque, claro, foi a partir de Portugal que conheci, igualmente, outros países lusófonos como o Brasil e Cabo Verde e, em novembro, terei a oportunidade de conhecer, também, provavelmente, Angola. E do mesmo entusiasmo partilham os meus colegas, professores de português. Transmitimos a paixão pela lusofonia aos nossos alunos de um modo espontâneo e verdadeiro, o que nos ajuda, de forma desinteressada, a promover a língua portuguesa no nosso país.

O número de alunos tem, realmente, vindo a crescer nos últimos anos. Ainda nos anos noventa, éramos uns cinquenta alunos de português, no total, em todo o país. Hoje há mais de 600 alunos de português, língua que nos permite conhecer um novo mundo e que enriquece a nossa vida pessoal e intelectual. Para isso contribuí, igualmente, o facto de sermos uma nação muito pequena em termos demográficos (10 milhões de habitantes) e de não podermos nos servir da nossa língua, por exemplo, para os fins de comunicação internacional. Somos bem cientes do facto de que, sem o domínio de línguas estrangeiras, a nossa mentalidade e o nosso pensamento seriam reduzidos a um *nanocosmo*, a uma bolha, hermeticamente fechada, onde facilmente se fica preso e se acaba pobre. E é neste sentido que a língua portuguesa se mostra extremamente importante para nós: abre-nos o horizonte, abre-nos o coração e ajuda-nos a perceber o mundo.

Um dos principais motivos hoje é, também, o económico. Aliás, segundo um estudo da União Europeia, o português se situa entre as dez línguas mais promissoras para a economia europeia, inclusive a tcheca: a estratégia do nosso governo prevê o aprofundamento da cooperação económica e cultural com os países luso-africanos e latinoamericanos (Brasil, Moçambique, Angola, Cabo Verde...), países em que o conhecimento do português é uma condição indispensável para as negociações serem efetivas.

O que pode ser considerado um incentivo, no entanto, é também - digamos assim - a *fisionomia* da língua. A imagem fonética do português europeu e do português do Brasil é, para muitos alunos, fascinante. Por um lado, tem muito de

exótico e a sua melodia perfura a nossa pele muito facilmente e incentiva o desejo de aprender e imitar o seu som e melodia, mas, por outro lado, há muitos aspetos que a língua tcheca e a língua portuguesa têm em comum. Por exemplo, o sistema consonântico é quase idêntico: para dar um exemplo: o português do Brasil possui o fonema africado /tch/, idêntico ao fonema tcheco /č/ presente, por exemplo, no topónimo *Česká republika*, o que justifica o uso de *tch* no seu homólogo brasileiro *República Tcheca*.

E, para continuar, alguns dos estudantes têm antepassados lusófonos, e supõe-se que o número deles ainda vá aumentar, devido ao número crescente de imigrantes portugueses e brasileiros no nosso país. Alguns deles não falam português, mas querem aprender.

O que contribui, significativamente, para a promoção da língua e cultura lusófonas é, obviamente, ao mesmo tempo, o contacto direto com as componentes culturais, políticas autênticas como, por exemplo, a visita do presidente moçambicano ao nosso país em agosto deste ano, ou a participação de Gilberto Gil no festival *Colours of Ostrava* como o principal convidado. Aliás, tive o grande prazer de acompanhar e de conhecer Gil pessoalmente, o que foi, obviamente, uma experiência extremamente rica e positiva, que significou um grande momento na minha vida profissional. É escusado dizer que também as traduções literárias constituem um recurso insubstituível. As obras de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Fernando Pessoa, etc... tudo já existe traduzido para a língua tcheca, graças às lusitanistas e tradutoras literárias tchecas. E, não posso deixar de mencionar o festival *LusoFest Brno*, que é um evento organizado anualmente pelo nosso departamento, no qual são envolvidos os nossos alunos, que trazem novas ideias, organizam exposições, *workshops* e compartilham com o público as experiências que vivenciaram durante as suas viagens aos países de língua portuguesa. Nesse festival, também os próprios professores têm espaço para concretizar ideias outras que não aquelas ligadas ao ensino. Por exemplo, este ano organizei um *melting pot* com representantes das comunidades brasileira, cabo-verdiana e moçambicana que vivem na República Tcheca. Desenvolveu-se um debate muitíssimo interessante sobre o tema de integração sociolinguística na sociedade tcheca, sobre a questão de racismo, de “terceiro espaço”, sobre o papel das línguas indígenas, de crioulo, etc. É o nosso desejo tornar o festival um local multicultural de encontro e de conhecimento.

ICR e MTA - Qual é sua avaliação acerca do ensino de língua materna em seu país?

I. S - O ensino da língua materna nas escolas primárias e secundárias, em minha opinião, goza, hoje em dia, de alta qualidade. As aulas do tcheco-língua materna são dadas por professores que receberam a devida formação profissional. Há uma grande mudança entre a conceção de ensino dos anos oitenta e a que está a ser adotada atualmente. Quando eu estava na escola básica e secundária (1982-1993), o ensino da língua tcheca baseava-se no estruturalismo e destacava-se o perfeito domínio da ortografia. Havia aulas de análise morfológica das palavras e pintávamos os diagramas sintáticos das estruturas fráscas. Não se promovia tanto a arte de escrever, o saber argumentar propriamente ou pensar contextualmente. Isso, felizmente, mudou. Hoje, pelo contrário, a língua materna é apresentada como a

principal ferramenta usada para exprimir o pensamento, para exteriorizar os sentimentos e mostrar as atitudes individuais relativas ao conteúdo da enunciação ou à realidade extralinguística que nos rodeia. Por exemplo, na escola, foi solicitado ao meu filho mais novo que compusesse algum poema. Daí, ele escreveu uns versos muito simples e curtos sobre o tema do "nada" durante a pandemia e ficou muito feliz por ter recebido muitos elogios da professora, o que o motivou a aprofundar e melhorar a escrita. Com isso, destaco a importância dos componentes motivacionais. Destaca-se, igualmente, a capacidade de saber distinguir as diferentes situações de comunicação e de escolher os meios linguísticos mais adequados conforme as diferentes estratégias conversacionais. Portanto, do uso de frases e expressões estereotipadas e automaticamente adquiridas com base em esquemas, passamos à democratização do ensino, ficando mais soltas as rédeas que, antes, nos manejavam, ditando o nosso ritmo e governando os nossos passos. Mas há quem ainda carregue os vestígios da normatização e tenha muitas dificuldades em pensar individualmente. Esse processo, sem dúvida, pode demorar realmente dezenas de anos.

Um processo semelhante pode ser observado na Literatura. Antigamente, existia a lista de leitura obrigatória estritamente ordenada. Atualmente essa prática tem sido abandonada, e põe-se uma maior ênfase na escolha individual das obras literárias e na sua compreensão como um todo. Este aspeto é muito importante, já que é a única forma de promover o desenvolvimento de valores culturais em nosso país.

ICR e MTA - Como uma linguística baseada no uso pode contribuir para o avanço das práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem?

I. S - Em primeiro lugar, há de se distinguir os diferentes contextos de ensino. Como é óbvio, não é possível aplicar o mesmo método no ensino de português-língua materna e no de português como segunda língua ou língua estrangeira. Ao mesmo tempo, no caso de PLE, devemos distinguir, cuidadosamente, entre os diferentes públicos-alvo: i.e. no curso de conversação, por exemplo, a estratégia de ensino será outra que no curso de filologia. É claro que a formação filológica exige um conhecimento muito detalhado da norma linguística. O principal objetivo é ensinar a alegada versão ortodoxa e pura da língua-padrão. Neste sentido, a nossa abordagem é rigorosa, porque somos responsáveis por educar os futuros profissionais e, desse conhecimento, constará, indubitavelmente, a sua carreira. Ao mesmo tempo, para evitar o choque com a realidade decorrente da diversidade geográfica e sociolinguística da língua portuguesa, oferecemos seminários culturais e de conversação que servem, precisamente, para demonstrar o uso da língua em diferentes contextos sociolinguísticos e culturais. Portanto, por um lado, separamos rigorosamente esses níveis, mas, por outro lado, realçamos a sua interligação. Por um lado, damos aulas da gramática normativa, por outro lado, procuramos descrever o seu uso em diferentes registros. Aliás, foi precisamente essa variabilidade que mostramos no projeto LMOOC4SLAV, do qual falei logo no início. O projeto demonstra a diversidade funcional da língua em todas as áreas da vida humana, inclusive na ciência. Contém tanto a parte teórica, como a secção da língua viva. O uso da língua portuguesa nas áreas da Lei, do Direito (às vezes chamado *juridiquês*), da Economia (ou *economês*), da Matemática, do Jornalismo, da Filologia, da Medicina etc é prova dessa heterogeneidade. Mesmo um professor, ao proferir a sua palestra, salta, às

vezes, do registro oficial ao familiar, e vice-versa. Para exemplificar, o português jurídico também possui elementos de linguagem individual e, por exemplo, em um interrogatório, devemos contar que os participantes dos processos, conforme o grau de formação adquirido, poderão cometer desvios à norma ou mesmo alguns erros que os participantes. Aliás, o uso individual da língua pode até levar a detetar o autor do crime. Se o tradutor não estivesse preparado para tal variabilidade, teria mesmo dificuldades para fazer bem o seu trabalho. Isto quer dizer que a forma como a língua é utilizada em diferentes esferas do mundo é muito importante para o ensino e para a futura profissão.

ICR e MTA - *Que perspectivas teóricas são mais presentes nos estudos linguísticos realizados na República Tcheca?*

I. S - Esta é uma pergunta muito abrangente. É preciso sublinhar que, no nosso país, a Linguística é muito popular e difundida, também porque o seu campo de aplicação está a ser cada vez maior, adquirindo a dimensão interdisciplinar. Penso que a revista que melhor reflecte as correntes linguísticas no contexto tcheco é a Revista de Filologia Moderna, disponível em <https://casopispromodernifilologii.ff.cuni.cz/>. Consultando os índices dos seus números atual e anteriores, observamos que a vertente prevalente é a Linguística Contrastiva - isto deve-se à importância que as línguas estrangeiras têm para nós, tal como já tinha explicado. A Linguística Contrastiva contribui significativamente para a área da didática das línguas estrangeiras, da tradução e da interpretação, etc. Há também estudos baseados na linguística funcional, discursiva, quantitativa e de *corpus*, etc. Na área da lexicologia, muitos artigos são dedicados ao tema de neologismos e empréstimos estrangeiros.

Muitos estudos são concebidos de acordo com as tendências da Escola de Linguística de Praga, que ainda está a funcionar e, de acordo com cuja conceção têm sido publicadas várias gramáticas de línguas estrangeiras.

ICR e MTA - *Que parcerias poderiam ser promovidas entre universidades do Leste Europeu e o Brasil, no sentido de impulsionar as pesquisas baseadas no uso linguístico?*

I. S - Sabe, para nós, todas as parcerias com universidades dos países lusófonos são uma mais-valia. A distância entre os países da Europa de Leste e o mundo lusófono, no sentido geográfico, é bem grande. Felizmente, na era digital, podemos manter o contacto diário com ele, e quanto mais intensa e sólida for a cooperação a nível académico, mais benéfico será para a nossa universidade. Mas também acho que, para os próprios parceiros, pode também ser útil, porque, enfim, conhecer perspectivas e visões diferentes pode enriquecer a todos.

O ideal seria desenvolver, por exemplo, em parceria, uma pesquisa centrada nas diferentes áreas em que o português é usado. Talvez não seja má ideia criar os OER para o Português do Brasil usado em nível académico ou em diferentes esferas de comunicação e destinados às necessidades específicas do público-alvo; no nosso caso, seriam os estudantes eslavos. A cooperação neste sentido poderia trazer muitos frutos. Também seria interessante desenvolver pesquisas contrastivas nos domínios

já mencionados da Linguística Forense, da Economia, da Matemática, do Direito ou da Medicina.

Estágios de intercâmbio, bem como mobilidade de estudo e de ensino podem contribuir, igualmente, de modo intenso, para o desenvolvimento das nossas relações e para o ensino superior. O nosso ensino centra-se, sobretudo, no português europeu, que consideramos sendo uma base, um ponto de partida adequado para depois continuar a aprender as suas outras variedades diatópicas e geográficas no segundo ou terceiro ano de licenciatura. Os alunos aqui iniciam o programa filológico sem nenhum conhecimento da língua e, por esse motivo, o programa deve ser adaptado a esse contexto, a saber, deve ser o mais homogêneo possível para evitarmos as transferências linguísticas. Portanto, baseamos o nosso ensino em PE, sendo a variante brasileira incluída marginalmente. A partir do momento em que os alunos adquirem uma base sólida, podemos intensificar o ensino também de outras variedades geográficas e dialetológicas. Uma solução efetiva seria, neste sentido, convidar professores que nos possam falar em mais detalhes sobre o uso do português no Brasil. Criar uma secção de português do Brasil poderia ser também interessante no futuro, por exemplo, no curso de mestrado, se conseguirmos aumentar o número de alunos.

ICR e MTA - O ensino de língua materna e de língua estrangeira, na República Tcheca, é regulado por documentos oficiais em nível nacional? Como é esse tipo de regulação?

I. S - Sim, o ensino da língua tcheca nas escolas básicas e secundárias é regulado pelo assim chamado *Programa Curricular Escolar*, documento curricular elaborado pelos docentes das escolas e aprovado e emitido pelo seus diretores e disponível ao público. Este, no entanto, deve ser elaborado em conformidade com o documento vinculativo chamado *Programa-Quadro Curricular*, válido para o ensino primário, secundário, pré-escolar, das artes básicas e de línguas. No entanto, por cima deste, existe ainda o *Programa Nacional para o Desenvolvimento da Educação na República Tcheca* (o chamado *Livro Branco*) definido exatamente pela Lei.

O *Programa-Quadro Curricular* baseia-se em uma nova estratégia educativa que enfatiza a importância das competências básicas e a capacidade de aplicação dos conteúdos educativos e dos conhecimentos e habilidades adquiridos na vida prática. A partir do momento em que entrou em vigor (i.e. em 2005), tem vindo a ser atualizado, alterado e revisto repetitivamente, sendo nele destacada a importância de adaptação do conteúdo educativo às necessidades do século XXI, o desenvolvimento das competência digital e informática, da aprendizagem, da resolução de problemas, da comunicação, além de aspetos sociais e pessoais, cívicos, de trabalho, entre muitos outros.

REFERÊNCIAS

PROJETO LMOOC4SLAV. **Romance languages for Slavic-speaking university students**. Disponível em: <https://www.lmooc4slav.eu/> Acesso em 15 out. 2023.

UNIVERZITA KARLOVA. **Revista de Filologia Moderna**. Filozofická fakulta: Praga. Disponível em <https://casopispromodernifilologii.ff.cuni.cz/>. Acesso em 15 out. 2023.

Sobre os autores:

Iva Svobodová

Professora associada com agregação do Instituto de Línguas e Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade Masaryk em Brno, República Tcheca. Diretora do programa de Mestrado em Filologia - Língua e Literatura Portuguesas. Concluiu os seus estudos de doutoramento na Universidade Carlos, em Praga. O seu tema principal de pesquisa é o uso e as transformações da língua portuguesa na área da Lei e do Direito, mas também o ensino do português como língua estrangeira, a paremiologia ou a lexicologia. Os seus principais trabalhos incluem Fatores estilísticos e pragmáticos do uso do artigo no Português Contemporâneo (2010), Morfologia do Português Contemporâneo/Espécies Verbais Não Verbais (2014), Morfologia do Português Contemporâneo, Verbo (2014), Sintaxe da Língua Portuguesa (2014), Análise sintático-semântica dos Códigos Penais de Portugal e do Brasil (estudo contrastivo-textual) (2021), e uma série de artigos centrados em aspetos históricos e contemporâneos do uso da língua portuguesa.

Ivo da Costa do Rosário

Graduado em Letras (Português, Inglês e respectivas literaturas) pela UERJ e graduado em Pedagogia pela UNIRIO. É mestre e doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ e é mestre e doutor em Letras pela UFF. Tem pós-doutorado em Estudos de Linguagem pela UFRN. Atualmente é professor associado de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFF. Na mesma instituição, é docente permanente e atual coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. É líder do CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações - cco.sites.uff.br) e membro do grupo D & G (Grupo de Estudos Discurso e Gramática - deg.uff.br), ambos sediados na UFF. É membro do GT Descrição do Português da ANPOLL. É Jovem Cientista do Nosso Estado, pela FAPERJ. É membro da comissão científica da área de Sintaxe da ABRALIN. É bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq. É perito judicial do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e do Estado de São Paulo. Atua principalmente nas seguintes áreas: funcionalismo, construcionalização, mudanças construcionais, morfossintaxe, conexão de orações e conectivos.

Milena Torres de Aguiar

Graduada em Letras Português / Inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com mestrado em Letras - Área de concentração: Estudos de Linguagem / Língua Portuguesa, pela Universidade Federal Fluminense; e doutorado em Estudos de Linguagem - Área de concentração Linguística / Língua Portuguesa, pela Universidade Federal Fluminense. Já atuou como professora substituta no Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e atualmente é professora adjunta de Língua Portuguesa desta mesma Universidade. Foi coordenadora do setor de Estudos da Linguagem e chefe do Departamento de Letras. É vice-líder do grupo CCO (Conectivos e Conexão de Orações), de orientação funcionalista, e desenvolve a pesquisa intitulada "Marcadores Discursivos instanciados por advérbios em Língua Portuguesa: uma análise funcional centrada no uso". Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: língua portuguesa, funcionalismo, construcionalização lexical e gramatical, morfossintaxe, advérbios, linguística textual, marcadores discursivos.